

A CRIANÇA E A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS POR MEIO DO DESENHO INFANTIL

Antes eu desenhava como Rafael, mas eu precisei de toda uma existência para aprender a desenhar como as crianças.

Picasso

Modalidade: Trabalho Completo

Arnaldo Nogaro
URI – Erechim
Idanir Ecco
URI- Erechim
Aracely Grandó

Escola Estadual de Ensino Fundamental Bela Vista – Erechim/RS

Agência Financiadora: não contou com financiamento

RESUMO:

O artigo “A criança e a construção de significados por meio do desenho infantil” tem como objetivo mostrar como, sem perceber, no momento em que desenha, a criança transpõe para o papel seu estado anímico, emoções, percepções, compreensões de mundo e expectativas em relação à vida em diferentes nuances e detalhes. Resulta de pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão de Pós-Graduação. Trata-se de uma investigação junto à literatura da área em autores como Vigotsky (1988, 1999, 2002), Sans (2007), Piaget (1990), Lowenfeld (1954), Deroyk (1989). Nosso intuito foi mostrar a importância de conhecer e entender o significado do desenho infantil e como este oportuniza ao professor, compreender e incrementar consideravelmente os dados sobre o seu temperamento, caráter, personalidade, necessidades, enfim, seu desenvolvimento. Em muitas situações os docentes atribuem pouco significado ou secundarizam as produções das crianças por não terem o conhecimento ou saberem de seu real significado. Os desenhos ajudam, também, a descobrir e a reconhecer as diferentes estágios de desenvolvimento e por quais etapas a criança está atravessando, os seus problemas e dificuldades, assim como suas virtudes e capacidades. A abordagem feita visa subsidiar o professor para que qualifique sua intervenção junto à criança e na prática cotidiana consiga interagir com mais facilidade auxiliando-a em seu desenvolvimento.

Palavras-chaves: Desenho infantil. Criança. Desenvolvimento infantil.

1 INTRODUÇÃO

Importante característica do desenho infantil é a de que representa mais o que a criança sabe de um objeto do que o que ela vê no mesmo. Dessa maneira, reflete a imagem e conceito do objeto, portanto recorta seu significado. O presente artigo tem por objetivos compreender os diferentes momentos e estágios do desenvolvimento da criança por meio do desenho infantil; investigar e compreender as etapas do desenvolvimento infantil; analisar as diferentes etapas da reprodução gráfica; problematizar os sentidos existentes nos desenhos infantis; investigar

as contribuições que o desenho agrega para o desenvolvimento cognitivo.

Se o desenho expressa, assim, o conhecimento que a criança tem sobre um objeto, seria o inverso verdadeiro? O desenhar contribui para a construção do conceito do objeto? Como pode-se perceber ou acompanhar o desenvolvimento cognitivo da criança por meio do desenho? Quais são as etapas da reprodução gráfica? A criança sempre demonstra interesse pelo desenhar, mas o que ela realmente representa qual o sentido e o significado do seu desenho? Estas são algumas questões que nos inquietam e que procuraremos respostas ao longo do texto, mesmo que algumas possam permanecer em aberto para pesquisas futuras.

Organizamos o texto de modo a apresentar as etapas do desenvolvimento infantil, na sequência discutiremos sobre as etapas de reprodução gráfica da criança, fases do desenho segundo Lowenfeld, e por fim, apontamos algumas considerações sobre o tema.

2 ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL (0 A 5 ANOS)

O desenvolvimento humano é um processo de crescimento e mudança a nível físico, do comportamento, do cognitivo e emocional ao longo da vida. Em cada fase surgem características específicas. As linhas orientadoras de desenvolvimento aplicam-se a grande parte das crianças em cada uma das fases. No entanto, cada criança possui uma individualidade e pode atingir estas fases de desenvolvimento mais cedo ou mais tarde do que outras crianças da mesma idade, sem se falar, propriamente, de particularidades específicas.

Ao se abordar o desenvolvimento humano é inevitável não citar Piaget.

As brincadeiras refletem o conceito piagetiano de *equilíbrio*, pois nelas as crianças assimilam novas informações e acomodam-se às estruturas intelectuais. A atividade mental e seu paralelo a atividade física são fundamentais, à medida que as crianças constroem seus sistemas de conhecimento de formas mais e mais maduras, e se tornando adultos pensantes, eficientes e competentes (apud SPODEK, 1998, p. 75).

Piaget (1990) classificou quatro estágios primários de desenvolvimento cognitivo. O primeiro que se destaca do nascimento aos dois anos é o sensório-motor; em seguida, dos dois aos sete anos o pré-operatório; dos sete aos onze anos operatório concreto e por fim dos onze ou doze anos em diante o estágio operatório formal. Também tratou do desenvolvimento da linguagem e outras representações simbólicas, do pensamento intuitivo não sistemático ou sustentado.

Em sua pesquisa sobre o desenvolvimento, Vigotsky (1988) fez diversas distinções entre os tipos de categorias que as crianças usam em diferentes idades.

Durante os primeiros estágios do desenvolvimento infantil, as palavras não são um fator de organização na maneira pela qual a criança classifica sua experiência. Não dispondo de um princípio lógico para agrupar os objetos, a criança pequena percebe cada objeto isoladamente. Durante o estágio seguinte de classificação, a criança começa a comparar objetos com base em um único atributo físico, tal como cor, forma ou tamanho (VIGOTSKY, 1988, p.47).

Podemos perceber que Vigotsky (1988) defende a ideia de que a criança não é a miniatura de um adulto e que a sua mente funciona de forma bastante específica. O desenvolvimento do

indivíduo implica não somente em mudanças quantitativas, mas em transformações qualitativas do pensamento. Ele reconhece o papel da relação entre o indivíduo e a sociedade, sendo que para Vigotsky (1988), é esta relação que determina o desenvolvimento do indivíduo.

De acordo com o pensamento do autor acima citado, a aprendizagem é produto da interação com os adultos que fazem a mediação no processo de aprendizagem das crianças. Neste processo de mediação, o adulto usa ferramentas culturais, dentre elas a linguagem. É um processo de internalização, no qual a criança domina e se apropria dos instrumentos culturais como os conceitos, as ideias, a linguagem, as competências e todas as outras possíveis aprendizagens. Para ele, o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores é resultado de uma atividade mediada. Segundo Arce (2007, p. 134),

[...] para Vigotsky, a brincadeira de faz-de-conta oferece uma das mais importantes contribuições para o desenvolvimento da linguagem escrita, a qual é também um simbolismo de segunda ordem. O desenho, assim como o brinquedo, surge inicialmente como um simbolismo de primeira ordem. Os primeiros desenhos são apenas resultados de gestos manuais, e é o gesto que constitui a primeira representação do significado. Somente mais tarde a representação gráfica irá começar a designar algum objeto.

Na primeira infância, ou seja, entre os dezoito e os vinte e quatro meses, a criança experimenta muito mais do que expressa. No início, o fato de sustentar o lápis na mão já é toda uma proeza. À medida que vai crescendo, o desenho transforma-se num jogo. Seus traços orientam-se e vão tomando forma. A criança começa pela rabiscação e posteriormente a controlar esse meio e, em seguida poderá expressar-se através dele. Algumas crianças dominam perfeitamente o lápis desde os três anos, enquanto outras, e até para adultos, o fato de manejar um lápis de desenho é um verdadeiro suplício.

O desenho como possibilidade de brincar, de se expressar, de registrar, marca o desenvolvimento da infância. Porém, em cada etapa, ele assume um caráter próprio. Estas etapas definem maneiras de desenhar que são bastante similares em todas as crianças, apesar das diferenças individuais de temperamento e sensibilidade. Esta maneira de desenhar, própria de cada idade, varia muito pouco de cultura para cultura.

3 ETAPAS DA REPRODUÇÃO GRÁFICA

Considerando que cada criança possui um ritmo próprio, é possível que as idades mencionadas variem ligeiramente, como descreve Bédard (1998).

De dezoito meses a dois anos: agrada-lhe rabiscar livremente sobre grandes superfícies. Todavia sua coordenação motora costuma ser desajeitada.

De dois a três anos: deseja experimentar ferramentas diferentes. Nesta fase a experimentação predomina sobre a expressão. A coordenação vai-se desenvolvendo e logo chega a segurar firmemente na mão o lápis que está utilizando.

Entre três e quatro anos: a criança começa a se expressar através dos seus desenhos. Algumas vezes, antes de realizar os primeiros traços no papel, ela nos diz o que pretende desenhar.

De quatro a cinco anos: escolhe as cores em função da realidade e talvez, ao começar a escrever, perca o interesse no desenho. Sua capacidade imaginativa é muito forte, razão pela

qual os contos de fada atraem muito mais sua atenção.

O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer de que o que interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos e não sua perfeição estética. Ao desenhar a criança tem uma intenção realista. O realismo evolui nas diferentes fases do desenho infantil até chegar ao realismo visual, que é o realismo do adulto. Para este, o desenho tem que ser idêntico ao objeto. Já para a criança, o desenho, para ser parecido com o objeto, deve conter todos os elementos reais do objeto, mesmo invisíveis para os outros.

Evidenciando a importância da atividade de desenhar para a elaboração conceitual dos objetos e eventos pelas crianças. Comprova, também, o papel do desenho na construção da significação e no desenvolvimento da linguagem.

Entre a idade de um a dois anos, mesmo sem ter uma coordenação muscular madura, a criança é capaz de riscar em uma folha de papel, geralmente, linhas simples e curtas. Estas se desenvolvem em curvas fechadas horizontais, depois em espirais e, finalmente, em círculos múltiplos (SANS, 2007, p.43).

Quando a criança coloca-se diante do papel, disposta a desenhar, sua atitude pode não ser sempre idêntica. Algumas vezes começa o desenho e logo o risca, começado outro no mesmo papel. Algumas crianças desenhavam em silêncio, outras cantarolam, enquanto que outras dão explicações sobre os traços a que estão dando forma no papel. Podemos analisar que o silêncio e possível concentração no ato de desenhar facilitam na hora de interpretá-lo, pois se a criança estava cantarolando enquanto desenhava, pode ser que há necessidade de animar o ambiente, uma vez que o canto, de algum modo, protege contra o isolamento e, também, é um modo sutil de atrair a atenção dos demais.

Nenhum treino ou exercício de coordenação motora fará com que a criança expresse sua criatividade, ela é espontânea. Uma criança segura de si tem maior capacidade de envolvimento, de concentração e de prazer em criar. É importante ela sentir-se livre para poder expressar-se em seus desenhos. Assim, ela se desenvolve em harmonia e se organiza no contexto espaço/temporal, posicionando-se frente à vida, descobrindo o significado que a vida tem para si e se percebendo como criadora de sua própria história.

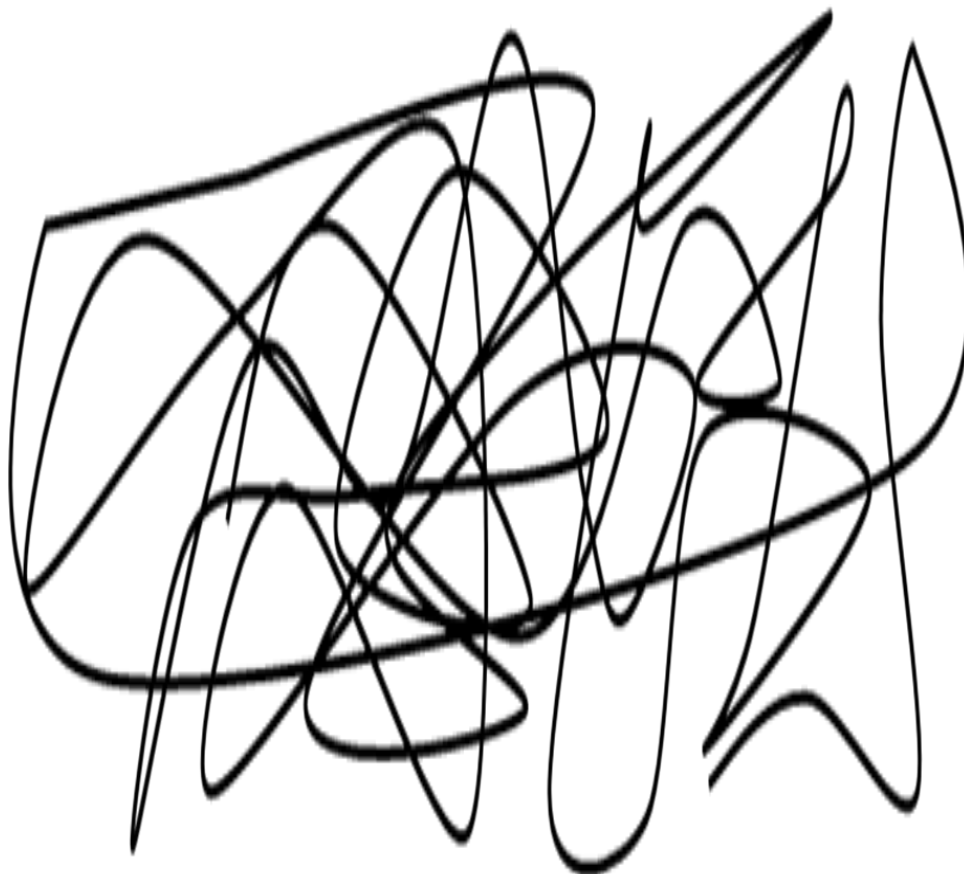
4 FASES DO DESENHO SEGUNDO LOWENFEL

Lowenfeld (1954) estabelece três fases para o desenho infantil.

A primeira fase divide-se em três etapas: etapa da garatuja desordenada, etapa da garatuja ordenada e etapa da garatuja nomeada.

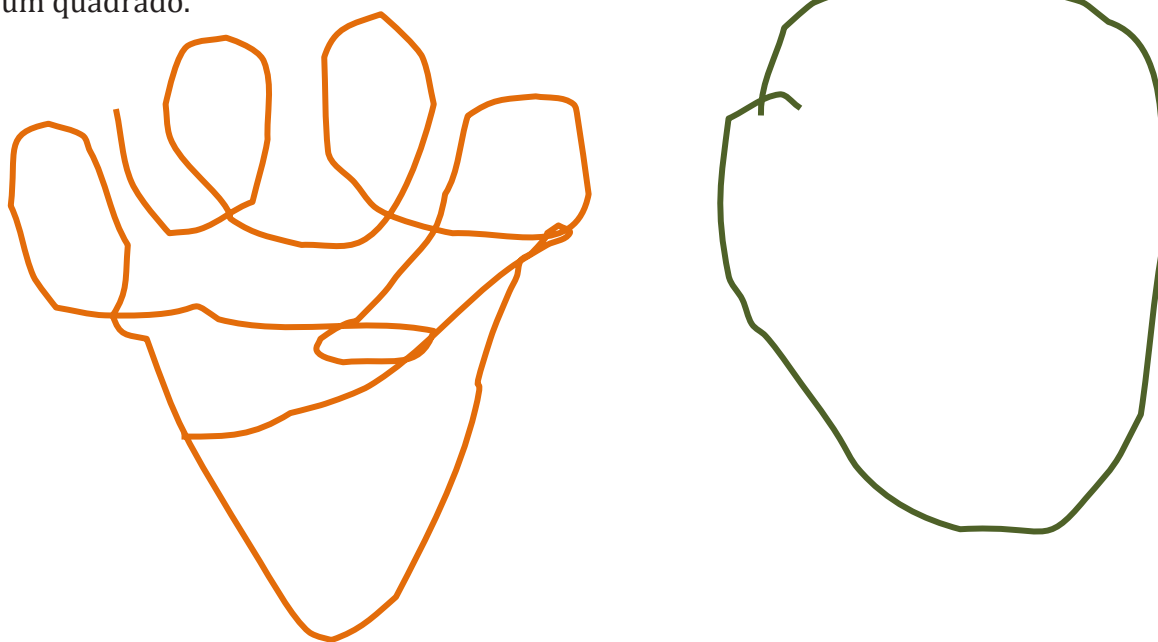
Na fase da *garatuja desordenada*, a criança não tem consciência da relação traço-gesto; muitas vezes, nem olha para o que faz. Seu prazer é explorar o material, riscando tudo o que vê pela frente. Segura o lápis de várias formas, com as duas mãos ou alternando. Não usa o dedo ou o pulso para controlar o lápis. Faz movimentos de vaivém, vertical ou horizontal; muitas vezes,

o corpo acompanha o movimento. Como no exemplo abaixo.



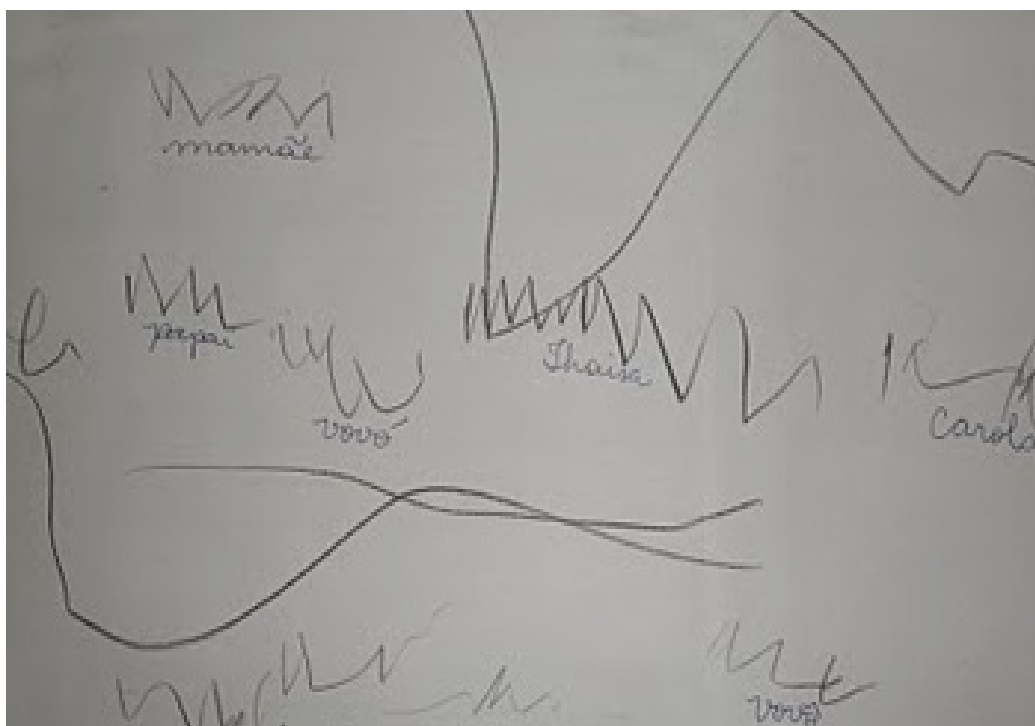
Fonte: BÉDARD, 1998.

Na fase da *garatuja ordenada*, a criança descobre a relação do gesto-traço. Passa a olhar o que faz, começa a controlar tamanho, forma e localização do desenho no papel. Descobre que pode variar as cores. Começa a fechar suas figuras em formas circulares ou espiraladas. Perto dos três anos, começa a segurar o lápis como o adulto. Copia intencionalmente um círculo, mas não um quadrado.



Na etapa da *garatuja nomeada*, a criança faz a passagem do movimento sinestésico, motor, ao imaginário, ou seja, representa o objeto concreto através de uma imagem gráfica. Distribui melhor os traços no papel. Anuncia o que vai fazer, descreve o que fez, relaciona o desenho com o que vê ou viu, sendo que o significado do seu desenho só é inteligível para ela mesma. Começa a dar forma à figura humana. É um

[...] período em que está ocorrendo a transformação do pensamento infantil, quando só os movimentos não satisfazem mais, surgindo a necessidade de representação do mundo que a circunda. Essa fase ocorre em torno dos três anos e meio, considerando-se que, a partir desta etapa, a criança inicia o desenvolvimento de uma base auxiliar na retenção visual, começando a demonstrar uma intenção para aquilo que desenha. É importante ter presente que, embora a criança esteja numa fase posterior, ainda existe a necessidade de exploração do material pelo puro exercício físico, uma vez que o desenvolvimento infantil é contínuo, mas não uniforme, sendo a garatuja um reflexo do desenvolvimento físico, intelectual e emocional infantil (ANGHINONI, 2006, p.43).



Fonte: BÉDARD, 1998.

Dessa forma, o grafismo é o meio pelo qual a criança manifesta sua expressão e visão de mundo, constituindo-se assim como linguagem artística, na qual a sua elaboração é constituída por fases, conforme o nível de desenvolvimento psíquico infantil que é variável a cada criança e envolve também estados de ânimo e o exercício da atividade imaginária, que se relaciona a processo dinâmico, em que a criança procura representar o que conhece e entende.

Na segunda fase - a pré-esquemática - os movimentos circulares e longitudinais da etapa anterior evoluem para formas reconhecíveis, passando de conjunto indefinido de linhas para uma configuração representativa definida. A criança desenha o que sabe do objeto e não uma

representação visual absoluta; seus desenhos apresentam características, não porque possuam uma forma de representação inata, mas sim porque está no começo de um processo mental ordenado. Nessa fase aparece a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Quanto aos espaços, os desenhos são dispersos inicialmente, não relacionados entre si. A representação da figura humana evolui em complexidade e organização: aparecem lentamente os braços, as mãos, os pés, muitas vezes com vários dedos, radiados, e às vezes, aparece o corpo. A criança desta fase ainda não é capaz de organizar graficamente um todo coerente. Os objetos são desenhados de forma solta e a relação entre eles é subjetiva. Em relação à cor, a escolha é pessoal e ligada às emoções do indivíduo.

A elaboração da figura humana está intimamente ligada à significação simbólica que as diversas partes do corpo têm para sua história pessoal, para a forma como a criança se percebe frente ao mundo. Enfim, é muito importante a criança ter oportunidade de se expressar seja através de desenho ou brincadeira.

Na terceira fase, chamada esquemática, a consciência da analogia entre a forma desenhada e o objeto representado se afirma. Nessa fase, a representação gráfica é muito mais tardia que a lúdica verbal, enquanto a brincadeira simbólica e a linguagem já estão bem formadas. A criança já constrói grandes cenas dramáticas brincando, mas só nessa fase começa a organizar seus desenhos. A representação das figuras humanas evolui em complexidade e organização.

Baseando-se na sua própria experiência, a criança transmite, em seus desenhos, toda uma escala afetiva de valores, tanto na expressão das personagens quanto nos locais e objetos. Colocar o que sente no papel por meio de sua realidade faz com que sempre prevaleça o emocional sobre o real (SANS, 2007, p.52).

O desenho é um meio significativo de expressão, como já dito, que o ser humano possui, mais desenvolvido em uns do que em outros, de acordo com as oportunidades que lhes foram oferecidas no meio familiar e escolar.

Ao desenhar a criança elabora seu pensamento, expressa visão do mundo e descobre o novo, através do já conhecido e de suas criações. A alegria ou a tristeza são mostradas graficamente, quando oralmente é mais difícil. Sentimento e razão estão ligados. É preciso saber, ao ver no desenho da criança, suas necessidades e preocupações, que muitas vezes são manifestas apenas através da imagem.

É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

A criança sente necessidade de ingressar no mundo dos adultos, tentando dele participar de forma ativa; para tanto, busca os modelos oficiais ou padronizados de comunicação. Assim, o desenho acaba por incorporar funções práticas, objetivas e operacionais, surgindo novos signos e maior elaboração gráfica na busca de uma inserção sociocultural (ANGHINONI, 2006, p.50).

O desenho está intimamente ligado com o desenvolvimento da escrita. Parte atraente

do universo adulto, pois tem prestígio de ser “secreta” aos olhos das crianças que têm grande fascinação por esse mundo. Muito cedo ela tenta imitar a escrita dos adultos, desenhando as letras. Segundo Anghinoni (2006) a escrita passa a ocorrer com o desenho, inclusive havendo uma mistura entre desenho e escrita.

Apesar de compartilhar propriedades básicas comuns às diferentes linguagens, o desenho, pela sua própria constituição, tem características particulares que o distingue de outras formas de expressão. Relativamente à linguagem verbal, cujo suporte básico é acústico, o desenho se caracteriza, enquanto imagem visual, pela sua globalidade e possibilidade de percepção imediata. O signo visual é imediato, isto é, mantém relações de semelhança com o objeto representado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho infantil é composto por fases, etapas, estágios, movimentos, qualquer que seja a nomenclatura usada para definir que evolui conforme o próprio crescimento da criança, dentro do seu processo de desenvolvimento como ser humano. Ou seja, as garatujas ou os rabiscos aparecem na fase sensório-motora, etapa da teoria do desenvolvimento humano desenvolvida pelo estudioso Jean Piaget (1990), onde a criança explora materiais e movimentos, não na fase pré-operatória, onde a criança começa a construir e a representar. Essas etapas do desenvolvimento infantil devem ser vivenciadas pelas crianças, fase a fase, caso contrário pode haver uma lacuna no desenvolvimento que, mais tarde, precisará ser trabalhada. Devemos sempre lembrar que a criança é ser em crescimento como nós, adultos, também o somos, e viver é estar se transformando.

É importante mencionar que o conhecimento das fases do desenho infantil deve contribuir para a construção do imaginário das crianças, sendo mais um recurso que o educador poderá utilizar para melhor compreendê-las. Somando conhecimento, análise e compreensão da produção infantil, o educador perceberá o significado mais profundo do ato de criar, expressão das ideias e dos sentimentos da criança.

O desenho também é manifestação da inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo para a criança é continuamente reinventado. Ela reconstrói suas hipóteses e desenvolve a sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas ‘teorias’ sob forma de atividades expressivas (DERDYK, 1989, p.54).

Cabe ao educador perceber o prazer que a criança possa sentir com o seu gesto, além de estar construindo a noção espacial e desenvolvendo nas ações, habilidades motoras; através desse processo, ele poderá orientar ações pedagógicas com relevância, mérito e qualidade. Essa perspectiva possibilita a ampliação da compreensão e da valorização do desenho espontâneo infantil. Evidencia a importância da atividade de desenhar para a elaboração conceitual dos objetos e eventos pelas crianças. Demonstra, também, o papel do desenho na construção da

significação e no desenvolvimento da capacidade semiótica.

Neste sentido, a atuação do educador é fundamental no apoio ao processo, zelando pela condição de liberdade de expressão e sustentação da manifestação. Essa atitude parece ser fundamental na preservação do espaço do desenho infantil, atividade de baixo custo e fácil acesso, importante não só para o desenvolvimento cognitivo e semiótico, como para o da criatividade e da expressão pessoal. Pondera-se, ainda, que esse olhar seja igualmente importante para os que atuam com dificuldades e transtornos do desenvolvimento da linguagem.

REFERÊNCIAS

ANGHINONI, S. J. **Práticas pedagógicas na educação infantil e a visualidade contemporânea**. Passo Fundo: UPF, 2006.

ARCE, A. e Duarte, N. (Org.). **Brincando de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotsky, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006.

_____. MARTINS, L. M. (Org.). **Quem tem medo de ensinar na educação Infantil?: Em defesa do ato de ensinar**. Campinas/SP: Alínea, 2007.

_____. **Ensinando aos pequenos: de zero a três anos**. Campinas/SP: Alínea, 2009.

BARRETO, C. e ANGOTTI, M. Escola Livre para Educadores Profissionais e Leigos: um projeto de integração de contexto em favor da infância e da qualidade na educação infantil. In: ANGOTTI, M. (Org.) **Educação Infantil: da construção de direito à condição de qualidade no atendimento**. Campinas/SP: Alínea, 2009.

BÉDARD, N. **Como interpretar os desenhos das crianças**. São Paulo: Isis LTDA, 1998.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte: um guia para os pais**. São Paulo: Mestre Jou, 1954.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1990.

SANS, P. de T. C. **Pedagogia do desenho infantil**. Campinas: Alínea, 2007.

SPODEK, B. e SARACHO, O. N. **Ensinado crianças de três a oito anos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

